

ANÁLISE DOS IMPACTOS DE UMA QUARENTENA NA EXPRESSÃO DAS NEUROSES DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Data de submissão: 08/09/2023

Data de aceite: 02/10/2023

Aline Ribeiro Martinez

Universidade Estadual de Maringá
Maringá - Paraná
<https://lattes.cnpq.br/6065252070118010>

Isabella da Rocha Cruz

Universidade Estadual de Maringá
Maringá – Paraná
<http://lattes.cnpq.br/1931504211717378>

RESUMO: O presente trabalho discute a influência do isolamento social como medida de combate à disseminação do vírus da Covid-19, os impactos deste no sujeito pós-moderno e na expressão de neuroses como resultado do conflito entre a necessidade de vínculos e os impasses trazidos pela pandemia da Covid-19. Para entender como alguns elementos neuróticos têm aparecido, traçou-se uma cronologia do conceito de neurose partindo de Freud, que credita o estabelecimento desta ao conflito entre um impulso sexual e uma moral imposta socialmente. O superego sustenta-se, portanto, ao chegar às novas propostas psicanalistas que consideram cada vez mais a nova estruturação do sujeito ao longo do tempo, estabelecendo relações entre o contexto

social-econômico-moral e as formas pelas quais estas se apresentam. Como aporte teórico, explorou-se o conceito de modernidade-líquida, de Zygmunt Bauman e as características do indivíduo nascido nesta conjuntura e que tendem a torná-lo suscetível às neuroses. A pesquisa objetiva estabelecer relações entre o sujeito pós-moderno e a presença de comportamentos e pensamentos neurótico-obsessivos em um contexto no qual o distanciamento social faz-se necessário; em específico, procurou-se qualificar comportamentos neuróticos em suas variações recorrentes antes e durante a pandemia, compreendendo seus mecanismos de ação e apontando a hipótese, a ser verificada, de que o isolamento social aumentaria a expressão de elementos obsessivo-compulsivos. Nesta investigação bibliográfica, realizou-se levantamento nas bases de dados da SCIELO, PEPSIC e Google Acadêmico, considerando os descritores: Modernidade líquida; Obsessão; Compulsão; Covid-19; Isolamento Social e outros relevantes. Nessa perspectiva, admitiu-se válida e provável tal proposição, pois pressupõe-se que restringir o contato social elimina possibilidades de o indivíduo evitar o confronto com suas alteridades, limitando

alternativas de fuga, expondo-o às neuroses resultantes da ausência de intimidade consigo mesmo. Justifica-se esta pesquisa por ela apontar o diferencial que o isolamento proporciona na análise do sujeito e no funcionamento das obsessões.

PALAVRAS-CHAVE: Neurose obsessiva. Comportamentos neuróticos. Isolamento Social. Modernidade Líquida. Covid-19.

1 | INTRODUÇÃO

Dentro da psicanálise, as neuroses foram e, ainda, são uma das categorias de afecções psicogênicas mais proeminentes quanto a estudos e descrições sintomáticas. Freud dedicou muito de seu tempo ao estudo destas, por ver, no método psicanalítico, um tratamento que poderia eliminar os sintomas na medida em que o paciente entrasse em contato com o conflito gerador do padecimento, resolvendo assim o embate entre as forças em oposição (ALVES; GAMA, 2021). Para ele, ideias aversivas ao Ego seriam reprimidas por esta instância de volta ao inconsciente e o *quantum* de energia psíquica destas seria empregado em outras cadeias de ideias que pode desembocar em duas vias, a saber, uma somática, da qual resultam os sintomas somáticos dos histéricos e, outra, psíquica, na qual outra ideia será investida desta energia deslocada e se apresentará na forma de obsessão (TEIXEIRA, 2007).

Em *“Atos obsessivos e práticas religiosas”*, Freud (2015, p. 209, acréscimo nosso) descreve os atos obsessivos como um “cerimonial neurótico [que] consiste em pequenos acréscimos, restrições, medidas, arranjos, que são realizados em certas ações cotidianas de forma sempre igual ou com variações metódicas” que provocam sofrimento, caso não cumpridas pelo sujeito, já que os mesmos têm função de conter a ansiedade causada por um intenso sentimento de que algo ruim se passará. Suas primeiras proposições quanto às neuroses de caráter obsessivo também determinam a existência de mecanismos de proibições associados aos de obsessões, que representam uma medida protetiva contra a aproximação dos impulsos considerados aversivos.

Dentro das propostas freudianas, a teoria do recalque, que ocasiona a obsessão, está associada a moral da sociedade, uma vez que as “regras morais” difundidas nesta servem de base para o estabelecimento da delimitação daquilo que o Eu entende como aceitável e do que não pode ser admitido e, portanto, deve ser recalcado. Partindo desta perspectiva, quanto mais rígidos os preceitos que se esperem atingir, maior a probabilidade do aparecimento de neuroses e psicoses.

Ocasionalmente, um doente dos nervos chama ele próprio a atenção do médico para o antagonismo entre constituição e exigência cultural a ser observado na causação do seu mal, ao dizer: “Em nossa família nos tornamos todos nervosos, pois queremos ser mais do que o que podemos ser pela nossa origem” (FREUD, 2015, p. 252).

Assim, pode-se esperar que quanto maior a incidência de repressões socialmente

determinadas mais comumente veremos sintomas neuróticos naqueles que a compõem, já que “[...] é a partir da coisa social que os indivíduos se organizam como sujeitos, na produção de seus sintomas [...]” (ALVES; GAMA, 2021, p. 8), teoria professada tanto numa perspectiva psicológica-psicanalítica por autores como Freud e Lacan quanto numa sociológica, na qual destacamos Bauman com seu conceito de liquidez que caracteriza o sujeito pós-moderno.

O estudo teve como meta final estabelecer relações entre o sujeito dos dias atuais e a presença de comportamentos/pensamentos obsessivos - sem necessariamente compor um quadro neurótico ou de transtorno obsessivo compulsivo - em um contexto pandêmico. Para atingir essa meta, foram estabelecidos outros objetivos específicos, dentre eles, caracterizar a neurose obsessiva e compulsões a partir de um enfoque psicanalítico; conceituar a modernidade líquida a partir de Bauman; indicar os possíveis efeitos da pandemia da Covid-19 sobre a individualidade do sujeito moderno; relacionar a pós-modernidade com comportamentos e pensamentos neuróticos/compulsivos; iniciar discussões acerca das neuroses no pós-pandemia propondo medidas que ajudem os indivíduos no retorno ao estado “normal” da sociedade.

O estudo estabeleceu como problemática a seguinte questão: considerando as características do sujeito pós-moderno no entendimento de Bauman, inserido num capitalismo selvagem que estimula a competição, a multifacetação da identidade pessoal e que por vezes desconsidera o sofrimento psíquico causado por esta realidade, procura-se fazer uma relação deste modelo de vida com os estudos sobre neuroses e, em especial, sobre a neurose obsessiva. Dessa forma, propôs-se a seguinte questão: o isolamento social, necessário para o combate ao vírus Covid-19, tem acentuado ou provocado expressivas obsessões e compulsões durante a quarentena?

O estudo se justifica em função de, apesar de existirem pesquisas que versem sobre a relação entre o sujeito líquido ou pós-moderno e a ordinarização de neuroses, estes se concentram na relação do indivíduo inserido no modelo capitalista e da fragilidade das relações interpessoais e dos impactos das últimas na saúde psíquica. Espera-se, com os dados a serem obtidos no decorrer da pesquisa, validar a hipótese de que o contexto atual de isolamento proporciona um diferencial para a análise do sujeito e o funcionamento das obsessões, pois pressupõe-se que a restrição do contato social elimina possibilidades do indivíduo evitar o confronto consigo, limitando as alternativas de fuga e, conseqüentemente, ficando mais exposto às neuroses resultantes da ausência de intimidade com si mesmo. Desta forma, conjectura-se um aumento no total de indivíduos que apresentam sintomas obsessivos ou na intensidade dos mesmos.

Quanto ao método para esse estudo, de natureza exploratório-bibliográfica, foi realizado um levantamento em artigos e formulários relacionados à pós-modernidade e a relação das neuroses de obsessão compulsiva, procurando compreender o indivíduo em seu contexto histórico de liquidez, imerso na pandemia da Covid-19, usando-se de uma

perspectiva psicológica psicanalítica.

Para identificação e acesso aos materiais, foi feito um levantamento nas bases de dados da SCIELO - Scientific Electronic Library Online; Portal de Pesquisa BVS – Biblioteca Virtual em Saúde, PEPSIC - Periódicos Eletrônicos de Psicologia e Google Acadêmico, considerando os descritores em língua portuguesa: pós-modernidade, modernidade líquida, obsessões, neuroses, psicologia psicanalítica, entre outros que se consideraram necessários.

A seguir serão apresentadas as principais características da pós-modernidade e do sujeito que nela vive, bem como uma descrição e contextualização do conceito de neurose obsessiva para entrelaçar, por meio de uma discussão transversal, quanto aos temas.

2 | A MODERNIDADE LÍQUIDA E NEUROSE OBSESSIVA

2.1 A MODERNIDADE LÍQUIDA E O INDIVÍDUO PÓS-MODERNO

O conceito de modernidade diz respeito a um período de tempo caracterizado pela realidade social, cultural e econômica do mundo, demarcada pelo início da revolução francesa, com o iluminismo e também pela revolução industrial. Diante das mudanças trazidas pela nova forma de se pensar o mundo, se entendeu como necessário a distinção de um período histórico inédito marcado pelas novas regras sociais, novas economias de produção, e o capitalismo de mercado, com classes sociais como a principal forma de divisão social.

Quero deixar claro desde o início que chamo de “modernidade” um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII como uma série de transformações sócio-estruturais e intelectuais profundas e atingiu sua maturidade primeiramente como projeto cultural, com o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial (capitalista e, mais tarde, também a comunista).(BAUMAN, 1999, p. 299-300)

A partir disso, em sua genialidade, Bauman ao desenvolver o conceito de modernidade líquida (2001) em seu livro que leva o mesmo nome, dilacera a modernidade e separa a solidez e a liquidez em duas fases distintas: modernidade e pós-modernidade, que se torna modernidade líquida ao se relacionar com a existência contemporânea. A primeira era sendo “sólida”: um período em que há acúmulo de capitais devido à revolução francesa em meio ao liberalismo e ideias iluministas, assim como o capitalismo a partir da revolução industrial. Essa fase é caracterizada como sólida, pois os meios de dependência e interação, se quebrados, são imediatamente substituídos por outros tão firmes quanto os primeiros. A individualidade e o pensamento per si, quando existiam, eram suprimidos em virtude da coletividade e da unificação dos desiguais enquanto sociedade cultural estabelecida. (BAUMAN, 2001).

A segunda sendo “líquida”: demarcada pela publicação do manifesto do partido comunista que acompanha até a contemporaneidade na globalização e avanços tecnológicos. A partir do século XX há uma liquefação dos sistemas de modo geral: antes sólidos, fixos normatizados; passam a ser mais fluidos, líquidos e dinâmicos. A disposição do público é diferenciada, ocorrendo uma anorexia pela reforma social, do interesse ao que diz respeito ao outro e pela boa sociedade, a decadência da popularidade do engajamento político ou o aumento dos sentimentos de paixões e do “Eu primeiro”. (BAUMAN, 2001). Essa decadência de ideais se desmorona nas formas de viver que evitam limitar ou adiar quaisquer satisfações em proveito de realizações culturais ou do bem-estar das próximas gerações. Sólidos são liquefeitos, padrões de dependência e interação se tornam moldáveis de forma jamais pensada antes por outras gerações, levando a conclusão de Bauman (2001, p. 30) de que “O capitalismo moderno derreteu os sólidos” (ALVES; GAMA, 2021; CALDAS, 2021)

Sociedades sólidas pretéritas ao séc. XX, cuja direção era modernidade, após a consolidação do capitalismo, e cuja mudança de estado da solidez para liquidez atual se daria na liquefação das “lealdades tradicionais, dos direitos costumeiros e das obrigações que atavam pés e mãos” (BAUMAN, 2001, p. 10).

Assim, nesse processo do apagamento do eu na sociedade líquida, algumas instituições sociais faliram e outras se modificaram, tomando para si a qualidade de líquida, transformando a sociedade sólida-moderna para líquido-moderna. É um período em que a ordem, a razão, a falta de liberdade e a pressão se tornam “normalizados”. As formas de prazer se multiplicaram e seu valor simbólico para o sujeito se estilhaçou, de acordo com (ALVES; GAMA, 2021; JACOBSON, 2021)

O conceito de liquidez, mencionado acima, foi então criado por Bauman (2001, p. 8) para nomear a dinâmica das relações humanas, focando nas transformações que afetam o homem relativas às políticas gerais que determinam a vida. Esse também remete a uma configuração social fluida, sem modelos, sem restrições e de muitas ofertas visto que o “líquidos não mantêm suas formas com facilidade, não se fixam no espaço e nem prendem o tempo” . Essa conceituação consegue superar o conceito de pós-modernismo pois se apoia no mundo contemporâneo: na realidade a qual a vida dá mais importância ao que é transitório do que ao permanente, o imediato ao longo prazo; e valorizando mais a utilidade do que qualquer outro valor. O conceito de identidade, individual e individualidade tem se tornado sem sentido. (PALESE, 2021)

Por estarmos vivendo intrinsecamente com o capitalismo, nos tornamos uma sociedade de consumo que afetou nossos meios de interação. Nessa realidade contemporânea buscamos inconscientemente a convergência entre identidade e consumo, de forma a aliviar nossas ansiedades, porém, é entre o consumo e o “poder possuir” que se diferencia a população; a habilidade de um indivíduo em consumir determina a sua

própria integração social, de tal forma a cair a responsabilidade individual. O consumismo é uma forma de medir o quanto uma pessoa (em uma sociedade líquida) é capaz de se individualizar. Desta forma, o indivíduo líquido se torna um múnado isolado sempre buscando novas formas de socialização, que ao invés de prover segurança e bem-estar, aumenta ainda mais a lacuna entre homem e o “Self” e entre o homem e o outro, como em redes sociais em que há grande socialização. (CALDAS, 2021; PALESE, 2021)

A necessidade de inclusão nada mais é que o legado de abandono do autêntico senso de pertencer. A singularidade e a individualidade do indivíduo são substituídas pela fluidez da necessidade de um grupo. (PALESE, 2021) É uma dimensão impregnada com uma ilusória segurança de livre arbítrio e de escolhas ideais que é na verdade declarada pelas massas. O homem moderno direciona sua energia psíquica/vital em coisas externas; de acordo com Fois-Braga e Brusadin (2021), são nossos temores existenciais que se tornam fruto da busca por segurança.

Para esse sujeito moderno, sua segurança pressupõe flexibilidade - a compressão do tempo é uma fonte de liberdade e segurança. Porém como consequência, a decomposição e o desmembramento de laços humanos são inevitáveis devido às circunstâncias. Estes que foram ressignificados – laços e parcerias tendem a ser tratados como objetos de consumo, sendo sujeitos aos mesmos critérios de avaliação como qualquer outro objeto de consumo, buscando a gratificação instantânea. A vida do consumidor é uma sequência de momentos gratificantes. Somos atraídos por objetos de desejo e admiração contanto que continuem não testados; nossa sociedade de consumo impossibilita o contentamento absoluto ao nos ‘ensopar’ de possibilidades. Ao reduzir a incerteza dos fins ao observar exemplos transforma o consumo em vício. Isso destrói a possibilidade de qualquer satisfação. (CALDAS, 2021)

Ao adaptarmos esse comportamento aos relacionamentos, e ao concebermos este como uma aquisição no mercado, sua continuidade torna-se condicionada apenas pelo teste de satisfação. Tenta-se ativamente contribuir ao seu mantimento, com sacrifícios se necessário, faz tanto sentido quanto se esforçar para gostar de um produto que não vive a alguma expectativa. Em um relacionamento decepcionante, como no caso de um produto decepcionante, a resposta natural, quando possível, é trocar por outra coisa. Consequentemente, a precariedade das relações tende a se tornar em uma auto suficiente profecia. Uma realidade desprovida de significado estável e confiável tem como reação “racional” de procurar gratificação enquanto evita consequências e responsabilidades. Há uma perda de significado de comprometimento pessoal por estarmos expostos a riscos, fazendo com que metas a longo prazo deixem de ser atraentes. (CALDAS, 2021)

Incessantemente buscamos a tentativa de firmar um controle que gera segurança em nossas personalidades, pois existimos em uma realidade que peca em seus pontos de referência. A construção de identidade tende a ser reformulada em uma agonia eterna de indecisão, por sermos expostos a tantas possibilidades, não deixando de ser um processo social, mudando apenas os mecanismos do mesmo. A dúvida pelos meios significa uma

incerteza dos fins. (CALDAS, 2021).

Com cada vez menos poder devido às pressões da competição de mercado que solapam as solidariedades dos fracos, passa a ser tarefa do indivíduo procurar, encontrar e praticar soluções individuais para os problemas socialmente produzidos, assim como tentar tudo isso por meio de ações individuais, solitárias, estando munido de ferramentas e recursos flagrantemente inadequados para essa tarefa. (BAUMAN, 2007, p. 20)

Diversas áreas humanas foram precarizadas: relacionamentos que são facilmente desfeitos por um baixo custo, sistemas precários e instáveis, e obviamente nossos meios de consumo. Tanto é exato e são influenciados o pensar e o comportamento na modernidade líquida que podemos notar uma desvalorização por processos manuais delicadamente criados por artesãos. Em um mundo que busca por agilidade de entrega, grandes quantidades do mesmo item e variedade de opções pelo preço mais baixo possível (e não possível), temos como resultado a falta de valor em criações e construções manuais. Nada tem que durar ou tem qualquer significado sentimental, mesmo que feito propositalmente por mãos humanas ou também por alguém querido. Não temos mais heranças de habilidade (ou tempo) passada por gerações para desenvolver nosso potencial criativo. A sociedade industrial destruiu qualquer forma que tínhamos de valorizar itens de utilidade.

Buscamos cada vez mais a produção rápida, mais barata (ou de baixo custo emocional/físico) sem nos contentarmos com o útil - temos tantas opções que estamos sempre insatisfeitos. Isso se aplica a diversas áreas da vida humana moderna, como, por exemplo, relacionamentos, produtos, responsabilidades e compromissos. Temos como consequência da modernidade líquida a habilidade de nos tornar experts na arte da evasão, pois estamos continuamente expostos à possibilidade de “ir embora”, do descarte. (CALDAS, 2021).

2.2 A NEUROSE OBSESSIVA

2.2.1 DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO

Antes de discutir propriamente a neurose obsessiva, julgou-se necessário salientar a diferença entre esta e o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC). Enquanto o último representa um diagnóstico psiquiátrico de disfunção usado para designar indivíduos que apresentam obsessões, compulsões ou ambas, que tomam o seu tempo, produzem sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo nas diversas áreas da vida do sujeito (DSM-5, 2014).

Por outro lado, aquele se refere a um modo pelo qual o psiquismo pode funcionar, sem incorrer necessariamente em distúrbios, e que se manifesta clinicamente “através de ritos conjuratórios de tipo religioso, sintomas obsedantes e uma ruminação mental permanente, na qual intervêm dúvidas e escrúpulos que inibem o pensamento e a ação.”

(ROUDINESCO, 1998, p.552) Assim, enquanto o TOC indica funcionamento neurótico obsessivo exacerbado, o oposto não será sempre válido.

Após tal esclarecimento podemos voltar nosso olhar para as derivações puramente psicanalíticas quanto ao tema. É sabido, e Alves e Gama (2021) reafirmam, que Freud indica três modos pelos quais o psiquismo tende a funcionar, a saber neurose, psicose e perversão. Os principais exemplos de neurose, apontados por Costa e Ferreira (2019), são a histeria e a neurose obsessiva, sendo que a origem de ambas está no recalque de pulsões instintivas. As autoras também evidenciam que enquanto no primeiro caso a manifestação de sintomas se dá essencialmente no corpo pela conversão, no segundo temos as pulsões originando sintomas inscritos no pensamento na forma de “desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, ordens ou proibições” (FREUD, 1909, apud SURRADOR, 2017 p.140)

Somado a isto, tem-se nos casos mais severos o aparecimento de compulsões enquanto satisfação substitutiva ou indireta do ego, tornando o indivíduo obrigado a realizar atos aos quais ele tenta, sem sucesso, resistir. Gondar (2001), ao falar sobre a compulsão, declara-a como uma patologia do ato, ao passo que Costa e Ferreira (2019, p.256) dão enfoque a esta enquanto sintoma associado, ou seja “[...] os sintomas na neurose obsessiva estão, por excelência, vinculados ao pensamento, mas com incidência somática.” Sendo que as compulsões mais comuns são as de contagem, limpeza/contaminação e verificação. (CUNHA, 2020)

2.2.2 RETOMADA HISTÓRICA E FUNCIONAMENTO NEURÓTICO OBSESSIVO

Em meados dos anos 1860, a obsessão tem suas primeiras aparições. Associada a manifestações de loucura e vinculada a ordem das psicoses, esta doença psiquiátrica apresentou inúmeras descrições de comportamentos e pensamentos, porém ainda era entendida enquanto disfunção de caráter emotivo. Posteriormente, Freud a desloca para a categoria das neurastenias, se referindo a ela como “neurose de coação” (do alemão *zwangsneurose*) e relacionando-a a fixação na etapa sádico-anal do psicodesenvolvimento (SURRADOR, 2017. FILIPPI; SADALA; LOURES, 2019).

Esta fixação, a qual Freud relaciona com traços de caráter como ordem e obstinação e ímpetos vingativos, surge “[...] como uma tentativa de anular o desejo através da interrupção do percurso de desenvolvimento psicosssexual” (COSTA; FERREIRA, 2019, p.256), interrupção esta que ocorre visando proteger-se de existência do desejo sexual considerado pelo sujeito moralmente questionável. Assim, a pulsão de ordem libidinal considerada imprópria pelo ego é então recalçada, tornando restritas às formas de satisfação do sujeito que passa a ter no sintoma sua principal forma de satisfação. (COSTA; FERREIRA, 2019; MEES, 1999; SURRADOR, 2017)

Com o desenvolvimento da segunda tópica psicanalítica, o funcionamento obsessivo é acrescido da explicação em função da oposição entre as instâncias psíquicas Ego e

Superego. De acordo com Cardoso (2000, p.28, acréscimo nosso) “o superego seria necessariamente uma instância interditora inconsciente e seria construída, ao menos num de seus aspectos, por meio de uma interiorização dessas [parentais e sociais] interdições.”

Além de instância moral, ao superego também é atribuída uma agressividade que aparece quando, na resolução do complexo de Édipo, pulsões de amor e ódio voltadas ao objeto se dividem e o ódio reprimido ao inconsciente passa a imperar no superego tornando-o, na neurose obsessiva, mais e mais tirânico, sádico e exigente. O superego, então, passa a agir com hostilidade frente ao ego, exigindo deste uma renúncia cada vez maior de suas pulsões que, quando não expulsas são reintrojadas no ego por meio de atos punitivos criando um mecanismo sadomasoquista que “assinala um triunfo na combinação de satisfação e proibição” (MEES, 1999, p.39) do qual o indivíduo não se vê capaz de sair. (CARDOSO, 2000; FARIAS & CARDOSO, 2015; SURRADOR, 2017)

2.2.3 MECANISMOS DE DEFESA E SINTOMATOLOGIA

O funcionamento obsessivo por vezes é identificado apenas quando comportamentos sintomáticos são observados; considerando a diferenciação sintomática posta por Costa e Ferreira (2019) anteriormente exposta, entende-se que os atos compulsivos são a máxima expressão da neurose obsessiva, uma vez que esses representam o “transbordamento” de pensamentos insistentes sobre o corpo.

O que acontece no caso das neuroses, é o fato de que o recalque falha, de modo que a energia excedente originada pelo trauma, que também podemos denominar de gozo inconsciente e doloroso, vence a força do recalque, colocando o sujeito a mercê de profundo sofrimento, de modo que se desenvolve a neurose como a forma do organismo se proteger [...] há basicamente três grupos de categorias pelas quais os processos de defesa se desenvolvem: a histeria, a obsessão e a fobia. Os três tipos de neurose têm como objetivo comum substituir um gozo inconsciente e perigoso por um sofrimento consciente e suportável [...] (MULLER, 2013, p.1)

Paiva (2018, p.3) explica que o pensamento deveria “resolver a contradição existente entre representações incompatíveis e a censura, ligando o afeto decorrente dos conteúdos recalcados a outras representações mais aceitáveis [...]”, porém, com a regressão ao estágio anal-sádico, ao invés do recalque tem-se a retirada de afeto desta representação que permanece consciente

Dessa forma, na neurose obsessiva, as ocorrências traumáticas e conflitantes não são esquecidas por meio do recalque, mas permanecem conscientes; contudo, ficam isoladas e destituídas de afeto, o que provoca a supressão das conexões associativas (PAIVA, 2018, p.8)

A neurose obsessiva tem sua etiologia remetida a vivências infantis de caráter sexual que, ao serem recalçadas no inconsciente têm suas cargas afetivas deslocadas, restando destas no consciente apenas a vergonha e a autoacusação. Entretanto, as

defesas atuantes nesta, ultrapassam aquelas presentes nos quadros histéricos, valendo-se de mecanismos de defesa atuando anexos ao recalque (PAIVA, 2018; SURRADOR, 2017). Conforme Scatolin (2013), a neurose obsessiva pode ser dividida em diferentes perspectivas a partir dos tipos e objetivos dos mecanismos dispostos na repressão das ideias ego disfóricas, sendo que uma engloba as representações obsessivas enquanto pensamentos que sobrepujam as defesas primárias, em especial o recalque que sabe-se ter apenas êxito parcial, causando sensações de desprazer, enquanto a outra, muito ligada as autoacusações e vergonha, exigem que o ego disponha de mecanismos de defesas secundários que agem protetivamente sob a forma de ações obsessivas.

Um dos mecanismos mais atuantes, sobretudo nos quadros neuróticos, é o isolamento que, conforme Kotzent (2017, p.15), consiste em “Isolar um pensamento do outro, um comportamento do outro e separar uma ideia de seu estado afetivo associado para evitar um turbilhão emocional.” Como dito anteriormente, na obsessão são isolados os sentimentos de suas respectivas memórias fazendo com que as últimas fiquem comprometidas a ponto de não mais terem força de ligação para gerar pensamentos conflituosos. (SURRADOR, 2017; FILIPPI; SADALA; LOURES, 2019) Assim, mesmo quando revista, esta memória não provoca reações no indivíduo, que age indiferente como se fosse outro qualquer o sujeito daquela memória.

Além disso, a energia antes empregada a estas memórias é deslocada à outras ideias que de alguma forma se assemelham a original, de maneira que há uma “substituição do elemento real – e importante- por um trivial” (FREUD, 1907 apud SURRADOR, 2017, p. 139), ou mesmo uma finalidade por outra melhor aceita socialmente. Freud (1907), no texto *Atos obsessivos e práticas religiosas*, aponta como esta substituição de caráter simbólico faz com que a importância dada a certas questões pareça exacerbada, tornando-as como que religiões individuais com ritos definidos e que devem ocorrer sempre a mesma maneira.

As formações reativas também fazem parte dos mecanismos a serem destacados no funcionamento obsessivo, e explicitam a ambivalência psíquica na qual, como tentativa de suprimir um impulso investe-se em seu oposto

Assim, devido à formação reativa que vem a recalcar o ódio no inconsciente, cria-se uma consciência especial dirigida contra os objetivos do instinto e é na formação reativa que encontramos a ambivalência do amor e do ódio na constituição psíquica deste neurótico. (SCATOLIN, 2013, p.115)

As últimas estão intimamente ligadas a outro tipo de defesa: a anulação. Segundo o vocabulário de psicanálise de Laplanche (2001) a anulação é a tentativa de “tornar não-feito ou não-acontecido” um ato ou pensamento, assim ela pode consistir em uma ação literalmente contrária a que se deseja anular ou de atitudes simbolicamente opostas que demonstram um traço de caráter que faz frente ao impulso que se pretende ocultar.

Estas medidas de proteção egóicas podem se tornar atos obsessivos que reforçam a defesa contra o retorno do conteúdo recalçado. (FILLIPI; SADALA; 364) Em relação

aos atos compulsivos, Freud (1907;1909 apud SURREADOR, 2019 p.139-141) afirma que estes têm finalidade de resguardar o indivíduo impedindo-o de cometer “crimes morais”; desta forma, o obsessivo cria rituais aparentemente sem sentido, mas que são expressões simbólicas de ideias inconscientes e ambíguas de satisfação e proibição das pulsões sexuais. Outrossim, é importante atentar para o papel que estes exercem no dispositivo psíquico. De acordo com Lowenkron (2009, p.137) “Os próprios sintomas podem evitar a desintegração [...] desempenhando, desse modo, uma função altamente útil em termos de homeostase psicológica”, na medida em que nesses, pulsões sádicas podem ser satisfeitas pela punição do ego “culpado”.

De origem inconsciente e difícil de controlar, esse constrangimento interno leva o ego a se colocar repetitivamente em situações que não fazem sentido para ele, pois a não realização dessas imposições compulsivas é fonte de intensa e crescente angústia. Portanto, encontramos o mundo interno do neurótico obsessivo às voltas com a irrupção de uma força pulsional excessiva, o sujeito procurando fazer frente a ela por meio da construção de um compulsivo aparato defensivo. (FARIAS; CARDOSO, 2015, p.119)

3 | DISCUSSÃO

Para entender como o indivíduo imerso na modernidade líquida responde a situações de retraimento social forçado - como a observada no contexto de quarentena requerido como forma de enfrentamento a disseminação do vírus da COVID-19, causador da pandemia “do coronavírus” entre os anos de 2020 e 2022, sua relação causal com o aumento e/ou intensificação de elementos neuróticos, iremos primeiramente apresentar aspectos sociológicos do isolamento.

Segundo Simmel (1950), por contraditório que possa parecer, o isolamento não foge ao estudo sociológico tendo em vista seus aspectos relacionais negativos enquanto não associação, ou positivos enquanto intenção de afastamento social – mesmo que neste momento a intenção de afastamento tenha ocorrido de forma impositiva por circunstâncias excepcionais. O sociólogo também vincula de maneira notável traços do isolamento em contraste ao conceito de liberdade, trazendo um ponto de vista sociológico no qual essa, entendida enquanto processo de desvinculação de exigências alheias a vontade individual, o abandonar de laços que possam vir a limitar o sujeito, passa a ser entendido de maneira subjetiva enquanto isolamento doloroso, visto que, conforme o citado autor, a habituação a vida comum, em associação a outros, pode ter suprimido a percepção dos atrativos da solidão.

A solidão – possibilidade de mesmo sozinho sentir-se bem, dada sua própria companhia – tão importante para a reflexão e construção de “verdades individuais”, perde seu valor na modernidade, que vê no estar só, meramente a agonia de ter apenas a própria companhia. De acordo com Costa (2021) é preciso retomar o “estar consigo” possibilitado

pela pluralidade da natureza humana conforme apresentado por Hannah Arendt (2002, apud COSTA, 2021, p.179) “O pensamento é um estar-só, mas não é solidão (loneliness); o estar só é a situação em que me faço companhia. A solidão ocorre quando estou sozinho, mas incapaz de dividir-me no dois-em-um, incapaz de fazer-me companhia [...]”. O movimento, de se recolher do convívio social ou para próximo de si mesmo, são anti-modernos. A combinação da desaceleração forçada a uma sociedade com características líquidas de desdém e despreparo para lidar com suas alteridades, promoveu epifanias e revelações nem sempre desejadas na relação consigo mesmo e com o outro.

Costa (2021) ainda aponta para o enfraquecimento do Eu na atualidade, que não se conforma com a própria companhia e, para fugir daquilo que ameaça sua frágil sensação de paz e conforto interior, mergulha na virtualidade das pseudo relações proporcionadas pelas redes sociais que possibilitam a ilusão de preenchimento, ou ainda, como posto por Fois-Braga e Brusadin (2020), fixa-se no objetos externos deslocando energia que de outra forma poderia ser usada no conhecimento de si próprio. Inserido em uma nova forma de viver, o sujeito moderno remete ao mundo virtual, visto a inaptidão em socializar no mundo real, suplantando a ausência humana com a tecnologia e a internet a partir de mídias sociais forçando uma falsa sensação de presença do mundo, no ambiente da casa ao ligar a tv, ao ouvir música, ao realizar ligações em vídeo, ou até mesmo atendo-se a pequenas obsessões que preenchem o tempo e agem como uma válvula de escape à introspecção. Ademais, a autora defende que, apesar de serem responsáveis por grandes avanços modernos, as mídias sociais agem como pão e circo moderno, afastando os indivíduos de si mesmos enquanto se engajam em discussões sem sentido e que não promovem reflexão tão necessária para que se aprenda a aceitar aquelas partes de si mais renegadas mas que estão na base da formação de diversos sintomas defensivos.

A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças forçadas ao viver moderno, que representam em parte um embate às maneiras já cristalizadas mas também uma possibilidade de mudança fundamental e necessária para que se ressignifique a solidude reflexiva, fundamental e necessária. Cabe aqui o questionamento acertadamente posto por Fois-Braga e Brusadin (2020, p.49): “[...] como o consciente que somos evita acolher estas suas alteridades? Ao irmos em direção à alteridade externa que fazemos clamar por nossa presença, não estaríamos bloqueando nosso encontro com aquelas outras que nos habitam?”

Capturado na disputa entre o que está dentro e o que está fora, o sujeito impossibilitado de externar-se em direção ao mundo real, acaba por direcionar essa intensidade para seu corpo físico e sua casa, como forma de enfrentamento à reflexão forçada frente a solidão humana, porém, muitas vezes não obtém sucesso já que sem a devida orientação muitos dos problemas podem ser agravados ao invés de amenizados. Há que se entender que o sofrimento é intrínseco ao funcionamento da mente, tendo em conta a impossibilidade de satisfação plena do desejo quando confrontado pela realidade,

e representa parte fundamental das vivências humanas - tanto experienciadas no coletivo quanto no pessoal. A liquidez moderna amplia o espectro do sofrimento em maneiras jamais observadas antes, influenciando como este é percebido, expressado, reproduzido e gerenciado. O legado de emoções trazido pela globalização e pela individualização são as duas grandes causas de sofrimento do sujeito moderno que podem ser destacadas apesar destas também possibilitarem meios de ajuda inéditos – Ocorre um fenômeno, referido por Costa (2021) como um estoicismo extremo, de dessensibilização pela exposição constante de sofrimento e crueldade e um distanciamento criado pelas tecnologias modernas que nos isolam emocional e exponencialmente.

Esta dualidade característica do indivíduo líquido, que se apresenta pela ambivalência afetiva no sujeito obsessivo, é representada pela “raiva (de ser controlado) versus o medo (de ser condenado ou punido)” (MCWILLIAMS apud SURRADOR, 2017, p.137); pela necessidade de laços afetivos significativos, da própria natureza humana, em contraste com aversão à profundidade significativa e o esforço necessário para manter esses laços (já que tudo ao seu redor é passível de ser desfeito), bem como pelas próprias representações incompatíveis que, superando o recalque das defesas primárias, fazem frente ao ego provocando estranhamento quanto a pertença destas como parte de si próprio. Os mecanismos de defesa do obsessivo, como o isolamento e o deslocamento também podem ser vistos em maior escala no sujeito líquido quando, desviando do encontro com suas alteridades “[...] buscam uma aproximação com os outros; um acalento, um divertimento; um entorpecente que proporciona ao menos a menor sensação de acolhimento e de pertencimento.” (COSTA, 2021, p.177), acolhimento este que ele mesmo não consegue se oferecer, isolando então os sentimentos negativos e duvidosos que não condizem com a expectativa criada pela sociedade capitalista.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário líquido vivido, que tem sido ameaçador ao Ego na medida em que o sujeito se enfraquece emocionalmente quando evita tudo aquilo que possa gerar desconforto, entendemos que as defesas psíquicas secundárias têm estado cada vez mais presentes enquanto mecanismos corriqueiros a fim de amenizar o embate entre diferentes instâncias psíquicas, essas influenciadas pelo ambiente líquido-moderno. Se, conforme ressaltado pelos estudos psicanalíticos, a inconciliabilidade própria do obsessivo é refletida na incompatibilidade social de seus comportamentos, como podemos esperar que “[...] pessoas que não suportam estar consigo mesmo podem ser boa companhia para os outros? Ou ainda, como posso estar em desacordo comigo e almejar estar harmoniosamente socializando com meus semelhantes?” (COSTA, 2021 p.177)

Esta dificuldade relacional que estrutura o modelo pós-moderno retroalimenta a incongruência entre a moral social, ainda pautada em preceitos retrógrados, que exige

um contentamento com a efemeridade no exaltar dos momentos mas que coíbe a auto aceitação de maneira integral e “a plenos pulmões”, e as múltiplas determinações de um indivíduo global, sem fronteiras e imerso nas possibilidades trazidas com a tecnologia.

Cabe aos novos atuantes desta trama social o despertar para a necessidade de relações mais verdadeiras consigo mesmos, acolhendo-se em suas dificuldades e respeitando suas individualidades. Que esse indivíduo não se atenha apenas a relações externas e superficiais, mas que tome tempo para escutar seu Outro-Eu em suas necessidades a fim de evitar os sintomas trazidos pela fuga do diálogo.

Diante disso, é esperado que essa pesquisa ajude a levantar discussões e estudos complementares sobre como os indivíduos interagem, não só no ambiente clínico, mas também no âmbito social, a fim de incentivar a busca por melhorias das condições concretas e da qualidade de vida desse indivíduo líquido, que se mostra vulnerável aos transtornos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Talita Noronha; GAMA, Juliana Fonsêca de Almeida. Uma Relação Possível entre os Inclassificáveis e a Modernidade Líquida. **Rev. Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 5-26, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/104744>. Acesso em: 20 mar. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Tradução de Plínio Dentzien.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999, p. 299-300.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, p. 20 Tradução de Carlos Alberto Medeiros.

CALDAS, José Maria Castro. The Art of Escape: liquidity mechanisms. **Rccs Annual Review**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 132-154, 1 dez. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/rccsar.180>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CARDOSO, Marta Rezende. O superego: em busca de uma nova abordagem. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 26-41, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/r/rpfa/JHygnjggw99gRgphL8Wv7Km/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2022.

COSTA, Maria Luiza Fernandes; FERREIRA, Renata Wirthmann G.. NÃO HÁ NEUROSE SEM CORPO: um estudo sobre o lugar do corpo na histeria e na neurose obsessiva. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 254-261, maio 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/44Kt6dHrgrM5MhzkxqnrRmF/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2021.

COSTA, Nária. A impossibilidade de estar só mesmo sendo um. **Cadernos Cajuína**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 173-181, 2021. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/457>. Acesso em: 10 mar. 2021.

American Psychiatric Association **Diagnóstico estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FILIPPI, Andrea Senna di; SADALA, Maria da Glória Schwab; LOURES, José Maurício Teixeira. A neurose obsessiva: da teoria à clínica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, [S.L.], v. 22, n. 3, p. 362-371, dez. 2019.

FOIS-BRAGA, . H. .; BRUSADIN, L. B. Entre as solidões da casa e do mundo: recolhimentos e acolhimentos domésticos de si e dos outros em época de Covid-19. **Cenário**: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, [S. l.], v. 8, n. 14, p. 44–54, 2020. DOI: 10.26512/revistacenario.v8i14.31770. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/31770>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FRADE, Lucélia Sofia Martins. **Qualidade de vida e ansiedade na perturbação obsessivo-compulsiva**. 2016. 55 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10437/7224>. Acesso em: 29 set. 2021.

FREUD, Sigmund. **Freud (1906-1909)**: o delírio e os sonhos na gradiva e outros textos. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2015. 456 p. (Obras Completas). Tradução de Paulo César de Souza.

FREUD, Sigmund. **Freud (1906-1909)**: o delírio e os sonhos na gradiva e outros textos. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2015. 456 p. (Obras Comp). Tradução de Paulo César de Souza.

GONDAR, Jô. Sobre as compulsões e o dispositivo psicanalítico. *Ágora (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, pág. 25-35, dezembro de 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br//agora/a/CxvRDvDVz7v933JzvYbsjdb/?lang=pt>. Acesso em 30 de abril de 2021.

JACOBSEN, Michael Hviid. Suffering in the Sociology of Zygmunt Bauman. **Qualitative Studies**. [S.l.], p. 68-90. jan. 2021. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/qual/article/view/124417>. Acesso em: 25 abr. 2021.

LAPLANCHE, J. **Laplanche e Pontalis**: Vocabulário da psicanálise. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Sob a direção de Daniel Lagache: tradução Pedro Tamen.

LOWENKRON, Theodor. A clínica psicanalítica atual: obsessão, compulsão, fobia e pânico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 133-139, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000300014. Acesso em: 18 fev. 2022.

MEES, Lúcia Alves. A neurose obsessiva. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, v. 1, n. 17, p. 37-41, nov. 1999. Disponível em: <https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista17.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2021.

MÜLLER, Thaís de Lima. Neuroses e seus diferentes mecanismos de defesa. 2013. Disponível em: https://www.ufrgs.br/psicopatologia/wiki/index.php?title=Neuroses_e_seus_diferentes_mecanismos_de_defesa. Acesso em: 05 mar. 2022.

PAIVA, Aldo Ivan Pereira. A relação entre psicopatologias não neuróticas, neurose obsessiva e pulsão de morte. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 23, p. 1-14, mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br//pe/a/GTMB8kmcJcpGstcrfgxJvFs/?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2022.

PALESE, Emma. Zygmunt Bauman Individual and society in the liquid modernity. **Springerplus**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 1-4, 29 abr. 2013. Disponível em: <https://springerplus.springeropen.com/articles/10.1186/2193-1801-2-191>. Acesso em: 25 abr. 2021.

ROUDINESCO E PLON. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SCATOLIN, Henrique Guilherme. Os mecanismos de defesa presentes na neurose obsessiva: um olhar sobre a formação sintomática. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 112-121, jun. 2013. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/17812/1/2013_art_hgscatolin.pdf. Acesso em: 02 mar. 2022.

SIMMEL, Georg. The Isolated Individual and the Dyad. In: WOLFF, Kurt H. **The Sociology of Georg Simmel**. Glencoe, Illinois: Free Press, 1950. p. 118-144. Tradução de Robert Schwartz.

SURRADOR, António Alberto R.. Sobrevoando o primeiro olhar psicanalítico da neurose obsessiva. **Se..., Não...** **Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica**, Lisboa, v. 8, n. 1, p. 131-154, dez. 2017. Disponível em: [https://www.apppp.pt/public/uploads/revista/Vol8/revistaAP_pensamentos_8\(1\)_ASurador.pdf](https://www.apppp.pt/public/uploads/revista/Vol8/revistaAP_pensamentos_8(1)_ASurador.pdf). Acesso em: 30 fev. 2022.

TEIXEIRA, Vanessa Leite. A escolha do sintoma na neurose obsessiva. **Mosaico: Estudos em psicologia**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 11-16, 2007.